



WISEU - 6 a 8 de Abril de 2000

HOTEL PRÍNCIPE PERFEITO

XXI ENCONTRO DA APEAA

Associação Portuguesa de Estudos Anglo-Americanos

Graça Capinha
GEAA
Universidade de Coimbra

"THE LANGUAGE OF BLOOMING DEATH: ROBERT DUNCAN'S *ROOTS AND BRANCHES*"

My aim in this paper will be to explore the meaning of some of Robert Duncan's poetical constructs as rituals and myths emerging from an organicist vision of poetry. A title like *Roots and Branches* - a book published in 1964 - immediately introduces us to the idea of a poetical nature deeply rooted in the origins of poetry itself: the word and song simultaneously consecrating and blooming from the rural quotidian experience of a people.

The social function of the poet/priest will thus be to re-enact the language of the dead that are recognised both as a physical and as a spiritual force in the earthly cycle from which life is always depending.

Iolanda Freitas Ramos
FCSH - UNL

RETRATO DE UM VITORIANO: JOHN RUSKIN (1819-1900)

Nascido no mesmo ano da rainha Vitória, que lhe sobreviveu doze meses, John Ruskin ocupou um lugar de destaque entre os *sages* britânicos. Apesar de, na década de 40, ter escrito "I seem born to conceive what I cannot execute, recommend what I cannot obtain, and mourn over what I cannot save", consagrou-se como o mais influente crítico de arte e analista das tendências de gosto oitocentistas, bem como um dos mais controversos reformadores sociais da sua época.

Embora nas primeiras décadas do século XX a sua vida e obra tenham suscitado um menor interesse por parte do público em geral, assistiu-se desde os anos 80 a uma recuperação do seu pensamento, quer estético, quer social e político. O legado ruskiniano, sintomático das antinomias vitorianas e das complexidades da sociedade moderna, conhece uma particular receptividade no presente ano, com as comemorações do centenário da morte de um homem cujo lema pessoal era "To-day".

Isabel Chumbo
Escola Superior de Educação de Bragança

O DEBATE ORTOGRÁFICO DO SÉCULO XVI EM *LOVE'S LABOUR'S LOS/DE* WILLIAM SHAKESPEARE

No Inglês de hoje verifica-se um desfasamento constante entre a grafia e a fonética a que os empréstimos linguísticos que ocorreram ao longo da sua História não são alheios. O debate sobre o desfasamento em causa e sobre as suas implicações não é de agora, tendo sido particularmente aceso entre estudiosos e académicos do século XVI.

XXI ENCONTRO APEAA

Viseu, 6 a 8 de Abril de 2000

No âmbito deste temática é proposta uma reflexão histórica sobre a forma como essa discussão se desenvolveu, recorrendo para tal a *Love's Labour's Lost* de Shakespeare. Esta comédia representa os defensores da mudança para uma língua inglesa purista, mas também os que não conseguem sobreviver sem recorrer aos empréstimos lexicais que uma língua eloquente como o Latim propiciava, os chamados "inkthorn". Através das suas personagens, Shakespeare coloca-nos perante uma peça inteligente que exige uma audiência de igual carácter. Por entre críticas implícitas, explícitas e trocadilhos o autor acaba por cair na sua própria armadilha de "experimentador" da língua, usando e abusando ele próprio dos termos que critica pelas personagens que constrói.

 Isabel Maria do Nascimento Simões Ferreira
Universidade Nova - Lisboa

O FEMININO NO CONTEXTO COLONIAL DO SUBCONTINENTE INDIANO

A comunicação incidirá sobre o papel que a mulher anglo-saxónica desempenhou no quadro das relações coloniais após a Revolta dos Sipaios de 1857.

No âmbito do discurso literário da Índia britânica - muito embora a era colonialista tenha sido caracterizada pelos críticos como um domínio masculino -, ocupar-nos-emos do modo como a *memsahib*, apesar do isolamento e dos constrangimentos a que está submetida, é chamada a interagir com o império, com base na análise da obra de duas escritoras com longa experiência de vida no subcontinente indiano: Flora Annie Steel (1847-1929) e Maud Diver (1867-1945).

Veremos, conseqüentemente, em que medida a domesticidade e a presença da mulher inglesa na Índia surgem como um meio poderoso de validar a fama e a identidade cultural britânicas por oposição à sua congénere indiana, cujo corpo dita os limites e excessos daquilo que a epistemologia colonial pode ou deve conhecer.

Jacinta Maria Matos
Universidade de Coimbra

'AN UNWELCOME GUERRILLA ON THE FLANK OF A REGULAR ARMY: ORWELL AND THE NATION'

My paper will start by suggesting that Orwell is now a forgotten writer. This may seem a strange statement to make about someone who has provided so much of the vocabulary of our political and cultural discourses and whose supposed views on contemporary issues continue to be appropriated by journalists and politicians from all sides of the ideological spectrum.

I shall argue, nevertheless, that some of the aspects of Orwell's work that have been neglected demand urgent attention in the light of recent critical debates. I believe that his contribution to the debate on nationalism and on the (re-)construction of national identities may be a significant one for an area of study that is still in its early stages of theoretical development, and that the decades when Orwell was writing his major novels and his best